

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**OLIVEIRA LIMA, Manoel de** (Recife, Brasil, 1867- Washington,D.C.,1928)

Nasceu no Recife, Estado de Pernambuco, em família ligada ao comércio do açúcar. Seu pai, Luís de Oliveira Lima, foi próspero comerciante português originário da cidade do Porto e radicado no Brasil. Igualmente de ascendência portuguesa, pelo lado paterno trasmontano, Maria Benedita de Miranda, sua mãe, inseria-se no ambiente dos engenhos pernambucanos. Sua formação escolar realizou-se em Portugal, onde a família passou a residir desde 1873. Em Lisboa, estudou no Colégio dos Lazaristas e no Liceu Nacional (1881-1884). Ali adquiriu desde muito jovem o interesse pelos estudos históricos, manifesto em artigos publicados desde 1882. Seguiu-se o ingresso no Curso Superior de Letras de Lisboa (1884-1888), que lhe forneceu importante referência e marcou seu modo de conceber e escrever História. Contou entre seus mestres Consiglieri Pedroso, Jaime Moniz, Vasconcelos Abreu, Adolfo Coelho, Pinheiro Chagas, Souza Lobo e Teófilo Braga. Além de viagens de ilustração cosmopolita à Inglaterra e à França, realizadas na juventude, sua atividade profissional o levou a residir em diversos países, experiências de que resultaram obras de reflexão sobre História, política internacional e viagens. Mesmo não tendo guardado a prática da religiosidade, antes rememorando com ironia certos aspectos da educação religiosa, adquiriu ao longo de sua formação uma valoração positiva do Catolicismo em seu aspecto moralizante e civilizador, de grande importância para sua interpretação da história.

Iniciou em 1890 a carreira diplomática na Legação do Brasil em Lisboa, onde ocupou o cargo de secretário. Em sucessivas nomeações e deslocamentos a serviço do Itamaraty, serviu nas legações de Berlim, Washington, Londres, Tóquio, Caracas, Bruxelas e Estocolmo, chegando ao posto de ministro plenipotenciário do Brasil. Aposentado do serviço diplomático em 1913, fixou breve residência em Londres, de onde se mudou para o Brasil, premido pelo posicionamento pró-germânico assumido durante a Primeira Guerra Mundial. Seus últimos anos de vida transcorreram nos Estados Unidos, onde instalou e dirigiu sua biblioteca privada, doada à Catholic University of America de Washington. Além das coleções de livros, com destaque para a Brasileira, ali se encontra também seu arquivo privado.

Desde muito jovem, ainda estudante dos preparatórios, editou em Lisboa a revista mensal *Correio do Brasil*. Seguiram-se colaborações no *Jornal do Recife*; em *Le Brésil* (Paris); em *O Repórter* (Lisboa) e na *Revista de Portugal*. Como jornalista, sua atividade profissional de maior relevo deu-se no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), seguida por *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Diário de Pernambuco*, *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). Publicou artigos na *Deutsche Revue*, *Bulletin de la Société Royale*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Belge de Géographie, La Revue* ( Bélgica) *The Hispanic American Historical Revue, Boletim da União Pan-Americana, La Prensa* ( Buenos Aires). Em periódicos acadêmicos voltados para estudos históricos e literários, inseriu com regularidade colaborações na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Revista da Academia Brasileira de Letras, Revista Brasileira, Revista Americana e Revista da Academia Pernambucana de Letras*.

Seu primeiro estudo alentado, *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* (1895), lhe valeu logo em seguida à publicação o ingresso como sócio correspondente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dois anos depois, na Academia Brasileira de Letras, da qual foi um dos fundadores. Com esta obra lançou-se, aos vinte e sete anos de idade, como historiador de temas brasileiros, mais especificamente aqueles ligados ao regionalismo pernambucano, vínculo de origem consolidado pelo casamento com Flora Cavalcanti de Albuquerque.

A influência decisiva na sua formação veio do Curso Superior de Letras, que reuniu mestres destacados em estudos humanísticos da cultura liberal do final do século XIX, como reconheceu em suas *Memórias* e no artigo «O velho Curso Superior de Letras de Lisboa». O contato com o positivismo divulgado por Teófilo Braga marcou sua formação, assim como a adesão ao evolucionismo. Oliveira Martins, Garret, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, entre outros, compunham o quadro de intelectuais influentes na época. A Geração de 70 tendeu a atuar imbuída da missão de crítica política e social contra a estagnação e a tradição católica exercendo importante papel de crítica política e social no contexto de crise da monarquia portuguesa. Oliveira Lima partilhou tais inquietações e foi sensibilizado pelas questões da nacionalidade e identidade nacional. Neste universo de referências foram correntes a aproximação do idealismo, a abertura para o campo da afetividade, da vida psíquica. O avanço do republicanismo e das concepções socialistas marcaram os posicionamentos políticos contestadores do campo político monarquista e católico na época de sua juventude.

Sua formação específica em História pautou-se pela leitura dos historiadores alemães, destacadamente Ranke e Mommsen. Não obstante, considerava Oliveira Martins seu grande mestre, com quem conviveu desde os tempos de estudante. Posteriormente, como secretário de legação em Lisboa e correspondente do *Jornal do Brasil*, costumava frequentá-lo em busca de informações políticas. Deste historiador e sua *História de Portugal* veio-lhe a forte influência na concepção do ofício como conciliador entre ciência e arte. O estilo exerce importante papel nessa concepção historiográfica, exigindo do historiador correção, clareza, propriedade vocabular e disposição dos argumentos para assegurar à obra histórica categorias próprias da obra ficcional, isto é, coerência, verossimilhança, cadência, sugestão, sonoridade. A intuição seria a qualidade cognitiva do historiador necessária ao estabelecimento de relações causais e influências, em sua tarefa de reconstruir o passado como ressurreição. Os grupos sociais se fazem representar no teatro da história pelos heróis a serem trabalhados como personagens—sujeito, representativos de determinadas forças atuantes num dado momento histórico, para moldar os símbolos necessários à compreensão e memorização do passado. A abordagem psicológica dos heróis adotada por Oliveira Lima foi de inspiração



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

fortemente calcada em Oliveira Martins e seu método de retrato. Associou a ação do acaso à abordagem psicológica para apresentar a trama da História como um teatro de grandes individualidades.

O caminho percorrido pelo historiador-diplomata para definir a nação brasileira expressou, além dos modelos historiográficos portugueses, os da historiografia brasileira. Ao abordar o tema da nacionalidade foi permeável à difusão das teorias presentes na historiografia do final do século XIX e início do XX, e que o levaram a definir a nação utilizando referências a elementos determinantes. O contato com o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer lhe forneceram elementos-chave para a concepção evolutiva dos povos submetidos pelos colonizadores europeus. Sua leitura teve como ponto de ancoragem a ideia de civilização, entendida como construção e apreensão de determinados valores e comportamentos paradigmáticos, por resultarem da presença da razão na história. O protótipo do estágio mais avançado da civilização seriam os povos europeus ocidentais, os mesmos que se lançaram na expansão colonial dos séculos XV e XVI e que no XIX mantinham a submissão de povos agregados a Impérios.

Por esse motivo, sua construção da História nacional partiu do pressuposto da superioridade do colonizador europeu, ao qual caberia a tarefa histórica de levar as luzes da civilização europeia a povos considerados mais atrasados na escala evolutiva, o que seria feito mediante dois agentes principais, o Estado e a Igreja. Em Hegel, Oliveira Lima buscou fundamentação para apontar o Estado como a chave de conciliação entre o universal e o particular, enquanto instituição ético-civilizadora capaz de promover a superação da existência bruta.

O fundamento ético - político, predominante no pensamento liberal do século XIX, preside sua narrativa histórica e nela a colonização foi entendida como tarefa civilizadora, altamente qualificada no sentido de promoção de um “desencantamento” da América. Inserido na visão de mundo do imperialismo, o autor justificou a empresa colonial como ação de resgate dos povos menos evoluídos do atraso e da barbárie. Elaborou uma leitura evolucionista e progressista da história, com justificativas baseadas na ciência, na religião e na moral, que fundamentariam a distinção entre povos superiores e inferiores, manifestamente contrária ao intervencionismo econômico, às regulamentações e aos monopólios que entravavam o comércio colonial e impediam o livre jogo das forças de mercado manipulado pelas potências europeias. A presença do Estado constitui nessa interpretação a maior evidência de civilização por significar o traço distintivo de um povo superior, fronteira excludente entre o europeu e o índio em estado de barbárie, dispersão, desordem, ausência de autoridade, paganismo, a recordar aos colonizadores seu próprio passado. O Estado apresenta-se como força formadora e tutelar da nação, elemento racionalizador do processo histórico ao conferir-lhe identidade. Porém, ainda que reconhecesse os méritos da empresa colonial portuguesa no resgate da terra de selvagens que era o Brasil, não poupou os portugueses de um julgamento severo, ao imputar-lhes a incapacidade comercial apontada por Oliveira Martins, decorrência de ações contrárias a seus próprios interesses na empresa colonial. Por trás desta reflexão pode-se localizar a tentativa de explicar a situação de Portugal no concerto das nações europeias na época da produção de suas obras, entendida como de inferioridade em relação à Holanda e à Inglaterra. É possível surpreender assim um viés arianizante na sua obra sobre Pernambuco, em torno da discussão sobre a viabilidade da colonização neerlandesa em Pernambuco. Enfatizou ali as diferenças raciais entre o “tipo português”, com o qual os flamengos já estariam familiarizados pela imigração de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

judeus ibéricos, e que “pejara as ruas de Amsterdã de morenos, de tez perfeitamente meridional”. A superioridade flamenga sobre os ibéricos teria como prova suas vitórias militares no século XVII, impulsionadas por um espírito mercantil mais poderoso que o dos portugueses, porque mais evoluído.

Oliveira Lima procurou manter-se afinado com as tendências da historiografia brasileira vigentes no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Teve como grande referente Francisco Adolfo de Varnhagen e sua *História Geral do Brasil*, nem tanto pelo método, mas no tratamento da questão crucial da definição da nacionalidade brasileira. A partir de uma interpretação favorável à colonização portuguesa, vista de outro ângulo, o da construção da nação brasileira, apresentou a Independência como continuidade do Brasil português. O elogio da colonização portuguesa permitiu-lhe avançar nas teses reabilitadoras de D. João VI e no abandono da vertente historiográfica portuguesa depreciativa da atuação do monarca desde a invasão napoleônica de Portugal. A ressaltar ainda que dos diálogos com Capistrano de Abreu decorreu a valorização dos relatos de viajantes como fontes para os estudos de História do Brasil. A temática da nacionalidade para o historiador do Império brasileiro foi desenvolvida em muitas de suas obras, a exemplo de *Formação histórica da nacionalidade brasileira*; *O movimento da Independência* e *D. João VI no Brasil*, significativas desta interpretação.

Entre os temas eleitos para suas obras históricas destaca-se o da história diplomática, como era entendida na época a História das Relações Internacionais. Decorreu de sua inserção no Ministério das Relações Exteriores a escrita de obras sobre as relações Brasil-Estados Unidos numa visão crítica do pan-americanismo. Ambos os temas ocupavam a pauta da política externa brasileira num momento em que após a República (1889) se efetuava uma transição da órbita de influência europeia para a estadunidense. Notabilizou-se por confrontar as diretrizes impressas por Rio Branco e defender a integração do Brasil com a América Latina, em perspectiva bolivariana. As obras em que abordou a temática, além da dispersão numa miríade de artigos, incluem *Nos Estados Unidos*; *História diplomática do Brasil – o reconhecimento do Império*; *Panamericanismo: Bolívar-Monroe-Roosevelt*; *América Latina e América Inglesa*.

Pertenceu a inúmeras sociedades culturais e científicas, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, a Academia Brasileira de Letras, e a Academia Pernambucana de Letras, a Academia de Ciências de Lisboa.

Foram fortes os vínculos mantidos com Portugal e em especial a longa amizade com Fidelino de Figueiredo, desde 1912, que coincide com a participação ativa deste intelectual na vida política portuguesa, antes de seu exílio no Brasil. Integravam também sua rede de sociabilidades no período pós-Primeira Guerra Alberto Lamego, António Sardinha, Carlos Malheiro Dias, Edgar Prestage, Hipólito Raposo e João Lúcio d' Azevedo. Esta inserção permitiu-lhe o acesso a universidades, publicações (*Nação Portuguesa*) e sociedades científicas (Academia de Ciências) em Portugal. Num momento de dissabores, quando a saúde precária e dificuldades financeiras tornavam sua vida em Washington bastante problemática, Oliveira Lima amparou-se nas origens lusitanas e encontrou nelas o reconhecimento de seu trabalho. Entre as homenagens por ele recebidas, destaca-se em 1923 o ciclo de conferências que foi convidado a ministrar na Faculdade de Letras de Lisboa, a propósito da inauguração da cadeira de Estudos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Brasileiros. Foi a ocasião propícia para o reencontro com o mestre Teófilo Braga, que assistiu às suas exposições sobre a Independência do Brasil, a evolução histórica brasileira, a política externa e o desenvolvimento econômico do Brasil e o Brasil como potência americana. Estes estudos foram reunidos em volume em *Aspectos da História e da Cultura do Brasil*, publicado pela Universidade. No ano de seu falecimento, foi homenageado com um número especial da *Revista de História* de Lisboa.

Sua obra teve grande repercussão no Brasil quando de sua publicação mas caiu num certo esquecimento após 1928. Para isto muito contribuiu o fato de ter vivido fora do país, sem que se possa minimizar o peso das polémicas em que se envolveu e as inimizades amealhadas. Foi vencido pela memória histórica brasileira no que diz respeito à sua história diplomática em detrimento de sua consagração como diplomata rebelde que ousou enfrentar a política oficial do Brasil em relação à América Latina. As comemorações do seu centenário, em 1967, retiraram-no momentaneamente do esquecimento, mas a releitura e revalorização de seu pensamento histórico e de sua interpretação da política externa brasileira – em especial aquela relacionada com os Estados Unidos – constituem tendência recente, datada dos anos 1990, com a recuperação de suas teses sobre o pan-americanismo e seus embates com Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do Brasil entre 1902-1912, artífice da aproximação ostensiva entre os dois países. As obras *Pan-americanismo* e *América Latina e América Inglesa* tem sido objeto de estudos e releituras interessadas em sua teoria das três Américas e defesa do monroísmo de inspiração bolivariana. Nota-se desde então um movimento historiográfico de republicação e estudo de suas obras históricas mais importantes, com destaque para o *D. João VI no Brasil*, a mais valorizada entre elas, além de *A formação histórica da nacionalidade brasileira* e *O movimento da Independência*. Pela originalidade e ineditismo temático, desperta ainda hoje interesse o livro de viagens *No Japão*, resultado de sua passagem pioneira como diplomata brasileiro por este país informado por estudos baseados em Pierre Loti.

**Bibliografia activa:** *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*, Leipzig, F.A. Brockhaus, 1899; *História diplomática do Brasil – o reconhecimento do Império*, Rio de Janeiro -Paris, Garnier, 1902 - 1901; *Panamericanismo: Bolivar-Monroe-Roosevelt*. Garnier, Paris-Rio de Janeiro, 1907; *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1908; *Formação histórica da nacionalidade brasileira* (1911) a primeira edição foi em francês, com o título *Tormation historique de la nationalité brésilienne*, Paris, Garnier, 1911; *América Latina e América Inglesa* Garnier, Rio de Janeiro-Paris, 1913; *História da Civilização: traços geraes*, S. Paulo, Melhoramentos de S. Paulo, 1921; *D. Pedro e D. Miguel: a querela da Sucessão* São Paulo, Melhoramentos, 1925; *O Império Brasileiro* São Paulo, Melhoramentos, 1927; *D. Miguel no trono*, Coimbra, Imp. da Universidade Coimbra, 1933.

**Bibliografia passiva:** ALMEIDA, Paulo Roberto de, «O Barão do Rio Branco e Oliveira Lima: Vidas paralelas, itinerários divergentes», in CARDIM, Carlos Henrique; ALMINO, João (Org.). *Rio Branco, a América do Sul e a Modernização do Brasil*, v. 1, Brasília, IPRI-Funag, 2002, p. 233-278; FREIRE, Gilberto, *Oliveira Lima: D. Quixote Gordo*, 2.ed., Recife, UFPE, 1970; GOMES, Angela de Castro (org.), *Em família- a*





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro, Mercado de Letras, 2005; GOUVÊA, Fernando da Cruz, *Oliveira Lima: uma biografia*, Recife, CEPE, 2003; LIMA SOBRINHO, A. J. Barbosa, «Oliveira Lima: sua vida e sua obra», in LIMA, Manuel de Oliveira. *Obra Seleta*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971; MALATIAN, Teresa, *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, Bauru, EDUSC, São Paulo, FAPESP, 2001; MIRANDA, J.C., *O historiador brasileiro Oliveira Lima: contribuição para o estudo da sua obra e personalidade*, Dissertação para Licenciatura em Filologia Românica, Lisboa, Faculdade de Letras, 1957; MOTA, Carlos Guilherme. *História e contra-história: perfis e contrapontos*, São Paulo, Globo, 2010; *Revista de História*, N<sup>os</sup> 61-64, Vol. XVI, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1927-28.

Teresa Malatian



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA